

AFRATES, O SÁBIO PERSA



ANTOLOGIA

FONTE DO TEXTO

ecclesia.org.br

Imagem da Capa

ecclesiacatholicus

1. «Então, os discípulos compreenderam que Jesus lhes falava de João Batista»

Nosso Senhor diz que João é o maior dos profetas, mas João recebeu o Espírito moderadamente, uma vez que obteve um Espírito semelhante ao de Elias.

Com efeito, tal como Elias permaneceu na solidão, assim também o Espírito de Deus enviou João para o deserto [...]. Assim como Elias foi alimentado por um corvo, assim também João comia gafanhotos. Assim como Elias usava um cinto de pele, também João vestia uma faixa de pele em torno dos rins. Assim como Elias foi perseguido por Jezabel, também Herodíade perseguiu João. Assim como Elias repreendeu Acab, também João censurou Herodes. Assim como Elias dividiu as águas do Jordão, também João inaugurou o batismo. Assim como o duplo do Espírito de Elias pousou sobre Eliseu, também João impôs as mãos ao nosso Salvador, que recebeu o Espírito sem medida (cf Jo 3,34). E, assim como Elias abriu o céu e para ele foi elevado, assim também João viu o céu abrir-se e o Espírito de Deus descer a pousar sobre o nosso Salvador.

*Afrates (? – cerca 345), monge e bispo em Ninive, perto de Mossoul, atual Iraque
«Exposições», n.º 6, 13*

2. «Se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em Mim»

Moisés foi perseguido, tal como Jesus foi perseguido. Esconderam-no por altura do seu nascimento, para que não fosse morto pelos perseguidores; Jesus foi obrigado a fugir para o Egito logo que nasceu, para que Herodes, o seu perseguidor, não o matasse. Quando Moisés nasceu, as crianças eram afogadas no rio; quando nasceu Jesus, mataram os meninos de Belém e dos arredores. Deus disse a Moisés: «Morreram aqueles que queriam a tua vida» (Ex 4,19); e o anjo disse a José, no Egito: «Levanta-te, toma o Menino e volta para a terra de Israel, porque morreram os que queriam a sua vida» (Mt 2,20). Moisés conduziu o povo para longe da servidão do Faraó; Jesus salvou todos os povos da servidão de Satanás. [...] Quando Moisés imolou o cordeiro, os primogênitos dos egípcios foram mortos;

Jesus tornou-Se o verdadeiro cordeiro quando o crucificaram. [...] Moisés fez descer o maná do céu para alimentar o seu povo; Jesus deu o seu próprio corpo aos povos. Moisés amaciou as águas amargas com a madeira; Jesus amaciou a nossa amargura sendo crucificado no madeiro. Moisés fez descer a Lei para o povo; Jesus deu um testamento a todos os povos. Moisés venceu os amalecitas estendendo os braços; Jesus venceu Satanás com o sinal da cruz.

Moisés fez sair água do rochedo para o povo; Jesus enviou Simão Pedro a levar os seus ensinamentos aos povos. Moisés retirava o véu do rosto para falar com Deus; Jesus retirou o véu que cobria o rosto dos povos para que eles ouvissem e recebessem os seus ensinamentos (2Cor 3,16). Moisés impôs as mãos aos anciãos e eles receberam o sacerdócio; Jesus impôs a mão aos apóstolos e eles receberam o Espírito Santo. Moisés subiu à montanha e aí morreu; Jesus subiu ao Céu e sentou-se à direita de seu Pai.

Afrates
«Exposições», n.º 21

3. Seguir o último de todos e o servo de todos

Meu amigo, tomemos a aparência daquele que nos deu a vida. Ele, que era rico, empobreceu-Se a Si mesmo. Ele, que estava colocado no alto, desceu da sua grandeza. Ele, que habitava nas alturas, não tinha onde reclinar a cabeça. Ele, que há-de vir sobre as nuvens, montou um jumento para entrar em Jerusalém. Ele, que é Deus e Filho de Deus, tomou a aparência de servo.

Ele, que é o repouso para todos os trabalhos, fatigou-Se com os incômodos do caminho. Ele, que é a fonte que estanca a sede, teve sede e pediu água para beber. Ele, que é a saciedade que satisfaz a nossa fome, teve fome quando jejuou no deserto e foi tentado. Ele, que vela e nunca dorme, deitou-Se e adormeceu num barco no meio do mar. Ele, que é servido na tenda de seu Pai, deixou-Se servir pelas mãos dos homens. Ele, que é o médico de todos os doentes, viu as suas mãos perfuradas pelos cravos. A Ele, cuja boca anunciava coisas boas, deram a beber fel. Ele, que não tinha feito mal a ninguém, foi açoitado e suportou ultrajes. Ele que tinha feito viver os mortos, entregou-Se a Si mesmo à morte na cruz.

Sendo nosso vivificador, Ele próprio experimentou todos estes abaixamentos; abaixemo-nos nós também, meus amigos.

Afrates
«Exposições», n.º 6

4. «Dá o Espírito sem medida»

Quando, a partir de uma fogueira, acendes outras fogueiras em vários locais, a primeira nem por isso diminui de intensidade. [...] O mesmo acontece com Deus e o seu Messias, que são um só, permanecendo embora na multiplicidade dos homens. O sol também não diminui de intensidade pelo facto de a sua potência se difundir sobre a terra. E quão maior é a força de Deus, dado que é pela força de Deus que o sol subsiste. [...]

Moisés tinha dificuldade em conduzir sozinho o campo de Israel; então, o Senhor disse-lhe: «Reúne junto de ti setenta homens entre os anciãos de Israel. [...] Então retirarei parte do espírito que está sobre ti a fim de o pôr sobre eles» (Num 11,16-17). Quando retirou parte do espírito de Moisés e os setenta homens ficaram cheios dele, o de Moisés diminuiu de intensidade? Alguém se apercebeu de que ele tivesse menos espírito? Também o bem-aventurado Paulo diz que Deus partilhou o Espírito do Cristo-Messias e O enviou aos profetas [do Novo Testamento] (1Cor 12,11.28). Mas o Messias nem por isso ficou lesado, porque o Pai deu-Lhe o Espírito sem medida.

É neste sentido que o Cristo-Messias habita nos crentes. E em nada é lesado por ser partilhado com a multidão, porque foi o Espírito de Cristo que os profetas receberam, na medida em que cada um podia tê-Lo em si. E ainda hoje é este mesmo Espírito do Messias que é derramado sobre toda a carne, para que homens e mulheres, jovens e velhos, servos e servas profetizem (Jl 3,1; Act 2,17). O Messias está em nós e está no céu, à direita do Pai. Ele não recebeu o Espírito com limitações; pelo contrário, o Pai amou-O e tudo entregou nas suas mãos, dando-Lhe poder sobre todos os seus tesouros. [...] O próprio Senhor o diz: «Tudo Me foi entregue por meu Pai» (Mt 11,27). [...] E o apóstolo Paulo conclui: «Quando se diz que tudo Lhe está sujeito, é claro que se exceptua Aquele que Lhe sujeitou todas as coisas. E, quando tudo Lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho Se

submeterá Àquele que tudo Lhe submeteu, a fim de que Deus seja tudo em todos» (1Cor 15,27-28).

Afrates
«Exposições», n° 6

5. «Então, os discípulos compreenderam que Se referia a João Batista»

Nosso Senhor diz que João é o maior dos profetas, mas ele recebeu o espírito de maneira moderada, uma vez que obteve um espírito semelhante ao que Elias recebera.

Tal como Elias permanecera na solidão, o Espírito de Deus enviou João para o deserto, para as montanhas e as grutas. Um corvo havia voado em auxílio de Elias para alimentá-lo; João comia gafanhotos. Elias usava um cinto de pele; João vestia uma faixa de pele em torno dos rins. Elias foi perseguido por Jezabel; Herodíades perseguiu João. Elias repreendera Acab; João censurou Herodes. Elias dividira as águas do Jordão; João inaugurou o batismo. O duplo do espírito de Elias pousou sobre Eliseu; João impôs as mãos ao nosso Salvador, que recebeu o Espírito sem medida (Jo 3,34). Elias abriu o céu e subiu, João viu os céus abrirem-se e o Espírito de Deus descer a pousar sobre o nosso Salvador.

Afrates
«Exposições», n° 6, 13

6. «Permanece um repouso sabático para o povo de Deus» (Heb 4,9)

O sábado não foi estabelecido como uma prova que permita um discernimento entre a vida e a morte, entre a justiça e o pecado, tal como outros preceitos pelos quais «o homem que os observar viverá» (Lv 18,5), ou morrerá se não os cumprir. Não, o sábado, no seu tempo, foi dado ao povo, tendo em vista o repouso; tal como os homens, os animais também deviam parar de trabalhar (cf. Ex 23,12). [...]

Se o sábado não tivesse sido instituído para o repouso de todos os seres que exercem um trabalho corporal, as criaturas que não trabalham, para serem justificadas, teriam de observar também o sábado desde a origem.

Pelo contrário, nós vemos o sol avançar no céu em cessar, a lua percorrer a sua órbita, as estrelas seguirem o seu curso, os ventos soprarem, as nuvens vogarem no céu, os pássaros voarem, os ribeiros jorrarem das nascentes, as vagas a agitarem-se, os raios caírem e iluminarem a criação, o trovão ribombar violentamente a seu tempo, as árvores darem os seus frutos e cada criatura crescer e fortificar-se. Na verdade, não vemos nenhum ser repousar ao dia de sábado, a não ser os homens e os animais de carga que estão submetidos à lei do trabalho.

A nenhum dos justos do Antigo Testamento foi dado o sábado para nele encontrarem a vida [...], mas a fidelidade ao sábado foi prescrita para que aqueles que se fatigavam com o seu trabalho, os servos, as servas, os mercenários, os estrangeiros e os animais de carga, pudessem descansar e refazer-se. Porque Deus cuida de toda a Sua criação, tanto dos animais domésticos como das feras, tanto dos pássaros como dos animais selvagens. Escuta agora qual é o sábado que agrada a Deus. Isaías disse-o: «Nisto consiste o repouso: deixem descansar os fatigados» (Is 28,12). [...] Guardemos, pois, fielmente, o sábado de Deus; façamos o que agrada ao Seu coração. Entraremos assim no sábado do grande repouso em que o céu e a terra repousarão, em que toda a criatura é recriada.

Afrates
«Exposições», nº 13, 1.3.9

7. «Cria em mim, ó Deus, um coração puro» (Sl 50, 12)

A pureza do coração é uma oração mais excelente do que todas as orações recitadas em voz alta, e o silêncio, conjugado com uma consciência sincera, ultrapassa a voz alta do homem que grita. Portanto agora, meu amigo, dá-me o teu coração e a tua inteligência: ouve-me falar-te da força da oração pura e vê como os nossos pais, os justos de antigamente, ganharam prestígio pela sua oração diante de Deus, e como esta se tornou para eles numa oferenda pura.

Com efeito, foi pela oração que as oferendas foram aceites. Foi ela que fez parar o dilúvio, curou a esterilidade, fez retirar exércitos, desvendou mistérios, fendeu o mar e abriu um caminho no Jordão, reteve o sol e imobilizou a lua, exterminou os impuros e fez cair fogo, conteve o céu,

permitiu sair da fossa, libertou do fogo e salvou do mar. A sua força é muitíssimo considerável, como era considerável o poder do jejum puro. [...]

Efetivamente, foi, antes de mais, devido à pureza do coração Abel que a sua oferenda foi aceite diante de Deus, enquanto a de Caim foi rejeitada (Gn 4, 4ss.). [...] Foram os frutos do coração deste que demonstraram e testemunharam que ele estava cheio de malícia, visto que tinha matado o seu irmão. Com efeito, o que o seu pensamento tinha concebido, as suas mãos o tornaram realidade; mas a pureza do coração de Abel estava na sua oração.

Afrates
«Demonstrações» (Epístolas), n.º 4
(a partir da trad. SC 349, p. 292 rev.)

8. «O Senhor do sábado»

Por intermédio de Moisés, Seu servo, o Senhor pediu aos filhos de Israel que observassem o sábado. Disse-lhes: «Trabalharás durante seis dias e farás todo o teu trabalho. Mas o sétimo dia é o sábado consagrado ao Senhor, teu Deus» (Ex 20, 9-10). [...] E avisou-os : «Não farás trabalho algum, tu, o teu filho e a tua filha, o teu servo e a tua serva, os teus animais». E até acrescentou: «O mercenário e o estrangeiro repousarão igualmente, assim como todos os animais que penam ao teu serviço» (cf. Ex 23, 12). [...] O sábado não foi imposto como uma prova, uma escolha entre a vida e a morte, entre a justiça e o pecado, como os outros preceitos pelos quais o homem pode viver ou morrer. Não: o sábado, nessa altura, foi dado ao povo tendo em vista o descanso – não apenas dos homens, como também dos animais. [...]

Agora escuta qual é o sábado que agrada a Deus. Isaías disse: «Deixem descansar os fatigados» (28, 12). E também: «Os [...] que guardaram os Meus sábados [sem os profanar] são os que escolheram o que Me é agradável e se afeioaram à Minha aliança» (56, 4). [...] O

sábado não traz qualquer benefício aos maus, aos assassinos, aos ladrões. Mas àqueles que optam por aquilo que agrada a Deus e guardam as

suas mãos do mal, nesses, habita Deus; Ele faz deles Sua morada, segundo a Sua palavra: «Habitarei e andarei no meio deles» (Lv 26, 11-12; 2Cor 6, 16). [...] Portanto, guardemos fielmente o sábado do Senhor, quer dizer, aquilo que agrada ao Seu coração. Assim entraremos no sábado do grande repouso, no sábado do céu e da terra em que toda a criatura repousará.

Afrates
«Exposições», n°13, 1-2.13
(a partir da trad. SC 359, pp. 589ss.)

9. «Assentar os alicerces sobre a rocha»

Escuta-me: falo-te da fé que foi edificada sobre a rocha e do edifício que é erguido sobre a rocha. Com efeito, o homem começa por acreditar e, quando crê, ama; quando ama, espera; quando espera, é justificado; quando é justificado, atinge a completude; quando atinge a completude, atinge o seu máximo. Quando todo o seu edifício está construído, atinge a completude e a plenitude e torna-se morada e templo onde Cristo habita. [...] Eis o que diz o bem-aventurado apóstolo Paulo: «Sois templo de Deus e o Espírito de Deus habita em vós» (1Cor 3, 16; 6, 19). E Nosso Senhor diz aos Seus discípulos: «Vós estais em Mim e Eu em vós» (Jo 14, 20). [...]

Quando o edifício se torna casa de habitação, o homem começa e preocupar-se com aquilo que Aquele que nela habita lhe pede. É como numa casa onde morasse um rei ou um homem de família nobre com nome real. Nessa altura, o rei exige todas as insígnias da realeza e todo o serviço devido à sua dignidade real. Um rei não habita numa casa vazia. [...] Assim se passa também com o homem que se tornou casa de habitação para o Cristo/Messias: que ele providencie tudo o que é conveniente ter ao serviço do Messias que em si habita, tudo aquilo que Lhe agrada.

Com efeito, este homem começou por construir o seu edifício sobre a rocha, quer dizer, sobre o próprio Cristo. Sobre essa pedra se baseia a sua fé. [...] O bem-aventurado Paulo faz duas afirmações sobre isso: «Como sábio arquitecto, assentei o alicerce [...]. Mas [...] ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo» (1Cor 3, 10.11) [...] E também: «O espírito de Deus habita em vós», porque Nosso Senhor diz: «Eu e o Pai somos Um» (Jo 10, 30). Desde então, cumpre-se a palavra

segundo a qual o Messias permanece nos homens que n'Ele crêem e é Ele o alicerce sobre o qual se ergue todo o edifício.

Afrates
«Exposições», n.º1 «De la foi»
(a partir da trad. SC 349, pp. 209ss. rev.)

10. Velai, pois, orando continuamente

Mau amigo, para agradar a Deus, temos a oração. [...] Acima de tudo, sê assíduo à oração sem a abandonares, como está escrito, porque Nosso Senhor disse: «Orai sempre sem cessar». Sê assíduo às veladas, afasta de ti a sonolência, permanece vigilante dia e noite, sem te desencorajares.

Vou mostrar-te os modos da oração; com efeito, temos a petição, a acção de graças e o louvor; a petição, quando se pede misericórdia pelos próprios pecados; a acção de graças, quando se dá graças ao Pai que está nos céus; e o louvor, quando se O louva pelas Suas obras. Quando estiveres em perigo, apresenta a petição; quando fores provido de bens, dá graças Àquele que tos dá; e, quando estiveres de humor alegre, apresenta o louvor.

Deves apresentar as tuas orações a Deus de acordo com as circunstâncias. Ouve o que dizia o próprio David a todo o momento: «No meio da noite levanto-me para Vos louvar, por causa dos Vossos justos decretos» (Sl 118, 62). E, noutro salmo, diz: «Louvai o Senhor do alto dos céus, louvai-O nas alturas» (Sl 148, 1). E diz ainda: «Bendirei o Senhor em todo o tempo; o Seu louvor estará sempre nos meus lábios» (Sl 33, 2). Porque não debes rezar de uma só maneira, mas de acordo com as circunstâncias.

E eu, meu amigo, tenho a firme convicção de que tudo o que os homens pedem com assiduidade, Deus lho concede. Mas aquele que oferece com hipocrisia não é atendido, segundo aquilo que está escrito: aquele que oferece a oração, vire e revire a sua oferenda, para se certificar de que não encontra nela algum defeito, e ofereça-a em seguida, pois de outra maneira a sua oferenda ficará em terra (cf Mt 5, 23-24; Mc 11, 25). E que oferenda é esta, senão a oração? [...] Com efeito, de entre todas as oferendas, a oração pura é a melhor..

11. O Jejum que me agrada

«O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente,

[...] quebrar toda a espécie de opressão» (Is 58,6)

Os Ninivitas jejuaram com rigor, um jejum puro e verdadeiro, quando Jonas lhes pregou a conversão [...]. Eis o que está escrito: «Deus viu as suas obras, como se convertiam do seu mau caminho, e, arrependendo-se do mal que ti-nha resolvido fazer-lhes, não lho fez» (Jon 3,10). Não é dito: «Vive em abstinência de pão e de água, vestido de saco e coberto de cinzas», mas «Que eles regressem dos maus caminhos e da malvadez das suas obras». Pois o rei de Nínive tinha dito: «Converta-se cada um do seu mau ca-minho e da violência que há nas suas mãos» (v.8). Foi um jejum puro, e foi aceite. [...]

Porque, meu amigo, quando se jejuia, a melhor abstinência é sempre a da maldade. É melhor do que a abstinência de pão e de água, melhor que «curvar a cabeça como um junco, deitar-se sobre saco e cinza», como diz Isaías (58,5). De facto, quando o homem se abstém de pão, de água ou de qualquer alimento que seja, quando se cobre de saco e de cinzas e se atormenta, é amado, é belo aos olhos de Deus e aprovado. Mas o que mais agrada a Deus é «[...] libertar os que foram presos injus-tamente, livrá-los do jugo que levam às cos-tas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opres-são» (v.6). Para o homem que se abstém da maldade, «a luz surgirá como a aurora [...]. A sua justiça irá à sua frente. Será como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inesgotáveis» (v.8-11). Não se assemelhará aos hipócritas que mostram «um ar sombrio [...], que desfiguram o rosto para que os outros vejam que eles jejuam» (Mt 6,16).